

Discurso de agradecimento da atribuição do título de Economista Emérito

Excelentíssimo Senhor Bastonário, Professor António Mendonça,

Caros Colegas dos Órgãos dirigentes da Ordem,

Caro Professor Carlos Brito, a quem dirijo um cumprimento de especial afeição pela sua dupla filiação: mestre da minha *Alma Mater*, a Faculdade de Economia do Porto, e pilar inestimável desta nossa Ordem na Região Norte.

Caros Colegas,

Caras Amigas e caros Amigos,

Permite-me que comece por agradecer as referências elogiosas que o Senhor Bastonário me fez a meu propósito, no início dos trabalhos deste congresso. Muitíssimo obrigado.

Receber o título de **Economista Emérito** é, para mim, um momento de grande emoção e motivo de reflexão muito profunda. Não é fácil encontrar palavras que estejam verdadeiramente à altura do que sinto.

Para alguém que, ao longo de décadas, viveu como um “satélite da academia” — ora orbitando próximo da universidade, ora imerso no pragmatismo exigente das decisões — esta distinção reveste-se de um significado muito particular. É o reconhecimento de que, mesmo quando a prática nos afasta das salas de aula, o fio de rigor e de observação crítica que nos foi inculcado jamais nos abandona. É essa a herança mais duradoura que uma boa formação nos pode deixar: não os modelos que aprendemos, mas a forma como aprendemos a pensar.

Como bem notou **John Maynard Keynes**, o mestre economista deve possuir uma combinação rara de dotes: deve ser, de alguma forma, ‘matemático, historiador, estadista e filósofo’. Esta **carreira múltipla** que percorri permitiu-me testar a teoria no fogo do real e, inversamente, trazer a complexidade da prática para o rigor da análise. Foram as duas margens do mesmo rio.

Foi nesta travessia permanente entre mundos — entre o conforto sereno do modelo e a imperfeição fecunda da decisão — que encontrei a minha verdadeira escola. As instituições que me acolheram e me permitiram transitar entre esses estádios deram-me a ferramenta mais preciosa: a compreensão de que a economia, antes de ser uma ciência de números, é uma ciência de decisões humanas em contextos de incerteza. É sobre pessoas e para pessoas que trabalhamos.

Nenhum percurso se faz sem custos, e os custos de uma carreira múltipla são, não raras vezes, maiores do que aquilo que os outros veem. São pagos, sobretudo, por quem nos é mais próximo e mais querido. Por isso, antes de qualquer outra palavra de gratidão, quero agradecer à minha **Família**. Foram eles — com a sua paciência silenciosa, o seu amor constante e a sua generosidade sem reservas — quem suportou a minha indisponibilidade crónica e as agruras de uma exposição pública nem sempre fácil de gerir. Este título, em grande medida, é também deles. É um pequeno resgate do tempo que lhes subtraí — que nunca será suficiente, mas que ofereço com toda a gratidão do meu coração.

Dizia **Alfred Marshall** que o capital mais valioso é aquele que se investe nos seres humanos. Devo o que sou — e o que pude dar — às instituições que me moldaram, que me confiaram responsabilidades e me deram palco para as exercer com liberdade: à **Fundação Calouste Gulbenkian**, à minha **Faculdade de Economia do Porto**, ao **Banco Português do Atlântico**, aos **Ministérios das Finanças e dos Negócios Estrangeiros**, à **Comissão Europeia**, à **Caixa Geral de Depósitos**, ao **Banco Europeu de Investimento** e ao **Banco de Portugal**.

Mas as instituições são, no fundo, o reflexo das mulheres e dos homens que as habitam. Quero por isso evocar, com gratidão e admiração sinceras, aqueles que me desafiaram, que depositaram em mim a sua confiança e, com isso, me obrigaram a ser melhor:

Manuel Baganha,
Miguel Cadilhe,
João Oliveira,
João de Deus Pinheiro,
Manuela Ferreira Leite
e Fernando Teixeira dos Santos.

Como nos ensinou **Douglass North**, são as instituições — e as lideranças que as personificam — que definem as regras do jogo e permitem que o esforço individual se transforme em progresso coletivo. A estes nomes devo muito do que fui capaz de construir.

Instituições como a Ordem dos Economistas são decisivas para densificar a malha institucional do país, condição necessária para um desenvolvimento socioeconómico robusto. E essa densificação nunca se produz sem um compromisso dos seus associados e a clarividência dos seus órgãos dirigentes. Felicito vivamente o Senhor Bastonário e os diferentes órgãos da Ordem, em particular os regionais, pelo trabalho que têm feito para reforçar o seu peso institucional e, por essa via, a importância dos economistas no desenvolvimento socioeconómico de Portugal.

O Dr. **Miguel Cadilhe**, que hoje me presenteou com a generosidade da sua grandeza ética e intelectual, foi uma personalidade que demonstrou como a ação individual pode gerar efeitos de radiação amplamente positivos — os *spillovers* virtuosos de que falam os economistas — tanto na criação e reativação institucional como na atração de talentos. Foi ele quem primeiro me desafiou a publicar. Muito obrigado, meu Mestre.

Uma palavra final, e particularmente sentida, aos meus **Colegas e Amigos**.

Aos Colegas que comigo partilharam contextos tão diversos e exigentes: o desempenho das equipas que tive a honra de liderar e os resultados que juntos alcançámos são o verdadeiro mérito que esta distinção celebra. Não é minha — é nossa.

Aos Amigos cujo rigor intelectual, cuja seriedade de propósito e cuja exigência consigo próprios foram, para mim, um estímulo permanente de superação — obrigado por nunca me deixarem confortável com o suficiente.

Como nos recorda **Adam Smith**, somos, em boa medida, o reflexo daqueles que nos rodeiam. Se hoje tenho a honra de merecer este título, é porque tive o imenso privilégio de ser rodeado por pessoas que nunca aceitaram menos do que a excelência.

Senhor Bastonário, caros Membros da Ordem dos Economistas, foram as redes de colaboração profissional, as exigências das instituições que me acolheram e a generosidade de todos os que cruzaram o meu caminho que permitiram que o “satélite” que fui nunca perdesse a sua rota — e que, de órbita em órbita, chegasse até aqui.

Muito obrigado.

Lisboa, 17 de abril de 2026
Carlos da Silva Costa